

**BAUMAN, ZYGMUNT. A RIQUEZA DE POUÇOS BENEFICIA TODOS NÓS? TRADUÇÃO: RENATO AGUIAR. 1 ED. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2015.103p.**

*David Melo van den Brule<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).  
E-mail: [naturezageografia@gmail.com](mailto:naturezageografia@gmail.com)

*Artigo recebido em 06/06/2017 e aceito em 02/08/2018*

**RESUMO**

O livro resenhado, *A Riqueza de Poucos Beneficia Todos Nós?*, de Zygmunt Bauman, é composto por introdução, quatro capítulos e notas, tendo sua primeira versão publicada em 2013, e sua primeira tradução para o português em 2015. A obra conta com um discurso de combate às injustiças sociais, e fornece material cognitivo para a desconstrução de mitos e revela os reais motivos das desigualdades, suas causas e consequências.

**Palavras-chave:** Injustiças; desigualdades; Bauman.

**DOES THE RICHNESS OF THE FEW BENEFIT US ALL**

**ABSTRACT**

The book reported, *Does the Richness of the Few Benefit Us All?* From Zygmunt Bauman, composed of introduction, four chapters and notes, had its first edition posted in 2013 and its first translation into Portuguese in 2015. The work has a tight fight against social injustices and provides cognitive material for the disconstruction of myths, and reveals the real reasons of inequalities, its causes and consequences.

**Keywords:** injustices; inequalities; Bauman.

**INTRODUÇÃO**

Após terminar de ler “*A riqueza de poucos beneficia todos nós?*”, de Zygmunt Bauman, senti uma vontade explícita de dizer: Bauman, que bom que você existiu! No Brasil, temos acesso a mais de trinta livros publicados pelo Professor. Poucos autores em tão poucas páginas conseguiram falar com tanta profundidade e proeminência. Durante os seus 91 anos de vida, o premiado autor produziu mais de 50 livros, dentre eles “*Modernidade líquida*” (2000) e “*Amor líquido*” (2003). Atuou, ainda, por mais de trinta anos como professor emérito de Sociologia na Universidade de Leeds (Inglaterra), e faleceu no dia 9 de janeiro de 2017 na Inglaterra, deixando uma obra extensa e formidável.

O livro resenhado, *A Riqueza de Poucos Beneficia Todos Nós?*, de Zygmunt Bauman, é composto por introdução, quatro capítulos e notas, tendo sua primeira versão publicada em 2013, e sua primeira tradução para o português em 2015. A obra conta com um discurso de combate às injustiças sociais, e fornece material cognitivo para a desconstrução de mitos e revela os reais motivos das desigualdades, suas causas e consequências.

## DESIGUALDADE SOCIAL E FALSA MORAL

Na introdução, o autor inicia com afirmações que revelam o quanto somos desiguais e como a distância material foi ampliada ao longo dos anos, seja entre indivíduos, nações ou continentes. A questão é que, no crescimento econômico do modelo de produção capitalista, há uma lógica para beneficiar uma quantidade menor de pessoas em detrimento de uma grande maioria. Desse modo, não há crescimento equitativo. Bauman alerta que são criadas justificativas “morais” para perpetuar e ampliar tamanha desigualdade.

No primeiro capítulo, “O quanto somos hoje desiguais?”, o autor reúne dados que revelam o tamanho das desigualdades sociais de renda; de renda *per capita*; de renda média; de riqueza; de remuneração; de patrimônio; de consumo; de nações; de status e estilo de vida. Para ilustrar, observe: “segundo o Center for American Progress, durante essas três décadas, a renda média dos 50% na base da escala cresceu 6%, enquanto a renda do 1% no topo cresceu 229%” (BAUMAN, 2015, p. 20).

Bauman ainda combate a falsa moral de que os ricos estão prestando serviço à sociedade, ou seja, mostra que não é verdade que a riqueza de poucos beneficie todos nós, pois o que vem ocorrendo é a ampliação da concentração da riqueza, a propensão a riscos, a deterioração da qualidade de vida e a socialização dos problemas. O seguimento da obra é uma exposição de seus argumentos contrários a essa falsa moral.

No segundo capítulo, cujo título é “Por que toleramos a desigualdade?”, Bauman dialoga com o trabalho do geógrafo Daniel Dorling, que escreveu *Injustice: Why Social Inequality Persists?* (2009). O autor coloca que a sociedade atual possui falsas crenças baseadas em distintos princípios de injustiça, crenças essas que raramente sofrem um exame acurado e profundo. São cinco os princípios da injustiça: “1) elitism is efficient; 2) exclusion is necessary; 3) prejudice is natural; 4) greed is good; 5) despair is inevitable”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>DORLING, Danny. *Injustice why Social Inequality persists*. Disponível em: <<http://www.dannydorling.org/books/injustice2010/>> Acesso em: 07 jan. 2017.

Bauman defende que a sociedade precede o indivíduo. A formação do indivíduo é social e parte de um grupo, seja através da família, do trabalho, da religião etc. A personalidade vai se formando, o que é um fluxo contínuo e se estende por toda a vida. O autor não concorda com a ideia de que existem pessoas capazes de realizar o que outras jamais seriam apropriadas a executar. Para ele, tal ideia corrobora para dar continuidade a desigualdade e critica a crença de que as diferenças de talentos, capacidades e faculdades individuais<sup>2</sup> sejam naturais.

O sociólogo polonês considera que temos nossa liberdade e que podemos optar por mais de um caminho. Na realidade, existem “dois fatores amplamente autônomos [...] um é o destino [...] Outro fator é o nosso caráter [...]”. O “destino” determina a extensão de nossas opções realistas, mas, em última análise, é o nosso caráter que faz as escolhas entre elas.” (BAUMAN, 2015, p. 33). Ora, o obstáculo a isso vem da realidade, dos entraves, da resistência e da rugosidade, como Milton Santos nos ensinava, ou seja, as heranças fisicoterritoriais, socioterritoriais ou sociogeográficas (SANTOS, 2006). Dessa forma, esse agir tem sido condicionado por escolhas que podem ser facilmente recompensadas, e isso tem sido empecilho para a busca da equidade.

O terceiro capítulo é o mais extenso do livro. Nele, o professor emérito reflete a propósito de “Algumas grandes mentiras sobre as quais paira mentira ainda maior”. A produção do mundo no século XXI é problemática e tem tornado difícil a prática da cooperação e da solidariedade.

Na sociedade atual sobressaem valores como cobiça, corrupção e egoísmo. Bauman clama por uma transformação que não seja apenas uma mutação de mentalidade, mas uma mudança no modo de vida, o que não significa que devam ocorrer em separado. É preciso ver a transformação concreta, a alteração prática, mesmo que esta seja iniciada algumas vezes pelo pensamento.

Ainda nesse mesmo capítulo, o sociólogo explica em detalhe quatro suposições para as ações aceitas como normativas pela sociedade, as quais implicam os principais imperativos para a não mudança no modo de vida, são elas: 1) o crescimento econômico como medida para resolver os problemas humanos; 2) a felicidade pode ser alcançada pelo consumismo; 3)

---

<sup>2</sup> Prestam-se a esse esclarecimento as ideias de Teles, quando diz que “o indivíduo nasce dentro de uma série concêntrica de grupos, alguns maiores, outros menores, como a família, o grupo local, nacional, etc. Nestes grupos ele se integra, formando, dentro de suas estruturas, a estrutura de sua personalidade. Deles ele recebe os seus valores que não são apenas uma “preferência” ou um “desejo”, mas, como explicam Murray e Kluckhohn, uma formulação do *desejável*, dos padrões do “deve” e do “precisa”, que influencia a ação. (TELES, 2001, p. 31-32, grifo do autor).

tratar a desigualdade como algo natural; 4) a rivalidade como suficientemente normal para reprodução da ordem social.

Os indivíduos fazem escolhas políticas baseadas no modelo econômico em seu suposto crescimento. As campanhas milionárias e a eleição de certos candidatos refletem isso. Para Bauman, as escolhas dos sujeitos não devem ser baseadas na obtenção de mais dinheiro, mas na felicidade e no bem-estar. Ao citar Keynes, ele observa que deveríamos “preferir o bem ao útil” (BAUMAN, 2015, p. 44). A crítica é a de que a economia passou a ser a grande medida das ações e das escolhas na vida, ao passo que fatores imateriais são considerados secundários. Em suas lúcidas palavras, ainda considera que a competição acirrada nos causa “desconforto espiritual, preocupação permanente e infelicidade crônica” (BAUMAN, 2015, p. 46).

Sem ainda possuir uma resposta devidamente fundamentada e empiricamente defendida, Bauman lança a seguinte questão:

pode nosso desejo de desfrutar os prazeres da convivialidade, por mais “natural”, “endêmico” e “espontâneo” que ele seja, ser buscado dentro do tipo de sociedade hoje predominante, contornando-se a mediação do mercado e sem cair, conseqüentemente, na armadilha do utilitarismo? (BAUMAN, 2015, p. 72).

As perspectivas apontadas por Bauman nos mostram que o futuro caminha para um crescimento “perpétuo” da desigualdade, o que provocará mais tristeza e humilhação. E o grande vilão é o crescimento econômico nos moldes capitalista.

Os dados nos revelam que:

o aumento da “riqueza total” caminha com um aprofundamento da desigualdade social [...] Quase todo aumento do PIB alcançado nos Estados Unidos desde o colapso do crédito em 2007, isto é, mais de 90%, foi apropriado pelo 1% mais rico dos americanos. [...] Apenas dez entre os mais ricos do mundo acumulam hoje US\$ 2,7 trilhões, aproximadamente o tamanho da economia francesa, a quinta maior do mundo (BAUMAN, 2015, p. 47-48).

No que diz respeito ao consumo crescente, Bauman parece estar certo de que o consumo é do ego e narcísico, enquanto o amor é altruísta e solidário. A mídia impõe e vangloria o consumo como a vacina contra a tristeza ou depressão, mas o amor não se compadece com a conveniência e o conforto. Segundo ele, o amor significa

compromisso, aceitação de riscos, presteza para o autossacrifício; representa escolher um caminho incerto e não mapeado, árduo e acidentado, à espera de - e determinado a - partilhar a vida do outro. O amor pode ou não caminhar com a felicidade serena, mas quase nunca caminha com o conforto e a conveniência; ele jamais espera isso com confiança e menos ainda com certeza (BAUMAN, 2015, p. 58).

Em suma, não se compra felicidade! Essa é uma ilusão tremenda que a indústria divulga e muitas pessoas seguem ou buscam inconscientemente. Isso não significa que os seres humanos devem viver sem comprar. O que o autor combate é o consumismo, o supérfluo, o exagero, o desnecessário e o narcisismo.

Constatado esse ledor engano da equiparação do consumo à felicidade, o autor propõe que a busca da felicidade “deve se concentrar na promoção de experiências, instituições e outras *realidades culturais e naturais da vida em comum*” (BAUMAN, 2015, p. 70). O valor do bem comum em sua obra é sobreposto aos interesses individuais. O que ele considera são valores como a amizade, a reciprocidade mútua e a solidariedade. Bauman é categórico ao afirmar que não existe benefício na cobiça.

O autor explica que um dos problemas atuais advém da relação sujeito-objeto. Os sujeitos dão significados, agem e possuem consciência valorativa. Os objetos, ao contrário, sofrem a ação. Para ele, “a existência de “coisas” não se deve a suas qualidades “materiais” intrínsecas, mas é função da relação na qual elas são moldadas para os *sujeitos*” (BAUMAN, 2015, p. 86, grifo do autor).

Um raciocínio semelhante nos é apresentado por Milton Santos, no livro “*A natureza do espaço*”, em seu sistema de objetos e sistema de ações. Para ele

ler os objetos equivale a reincluí-los no conjunto das condições relacionais [...] a descrição de um sistema de objetos depende da descrição de um sistema de práticas [...] quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo [...]. Em última análise, a sociedade está agindo sobre ela própria, e jamais sobre a materialidade exclusivamente. (SANTOS, 2006, p.97-110).

A crítica de Bauman fala sobre quando a relação sujeito-objeto é adaptada para a relação entre humanos, em que um trata o outro como objeto. A ideia de que seres humanos são descartáveis, que só servem quando são úteis e quando agradam tem corroído as interações e as tornadas fluidas. Ele explica que isso provém da sociedade consumista na qual

as mercadorias nos servem para proporcionar prazer e conforto, ao passo que nem sempre as relações sociais são plenas de prazer e conforto.

Os riscos do desprazer nas relações humanas são iminentes e continuarão existindo, contudo, a possibilidade de uma convivência duradoura, amigável e cooperativa é um dos maiores tesouros que uma vida humana pode lograr. A mensagem do autor é para que não nos deixemos abduzir pela rivalidade e competitividade, mas que possamos possuir esperança na possibilidade de construirmos amizade desinteressada e lealdade mútua.

No último capítulo, “Palavras contra ações: uma reflexão adicional”, o autor fala sobre a ideia de que o verdadeiro escritor é aquele que põe suas palavras em prática. Nesse caso, pouco adianta revelar que suas crenças sejam as da igualdade, do respeito mútuo, da solidariedade ou da amizade se sua conduta não corresponde a tais valores.

Inspirado nas observações de Elias Canetti<sup>3</sup> sobre o verdadeiro escritor, Bauman destaca dois aspectos: primeiro não considera que a “derrota” desqualifique a potência de um modelo espiritual, “mas apenas o vigor e a intensidade da dedicação daqueles que reivindicam segui-lo foram desqualificados”; segundo é que “o que torna um escritor “verdadeiro” é o *impacto das palavras na realidade*”. (BAUMAN, 2015, p. 97, grifo do autor).

Por isso, apenas mudar a mentalidade não é suficiente, temos que mudar o modo de vida, a vida prática. Pensamento semelhante é observado em Paulo Freire, quando afirma: “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”. (FREIRE, 1996, p. 34).

Amartya Sen (2011) colocou um exemplo interessante: o imperador Ashoka que era severo e cruel, quando se viu diante das consequências da guerra que ele mesmo provocou e apoiou, chegou ao pensamento de que precisaria mudar e defender a paz, e assim o fez. Essa mudança pode vir de inúmeras situações, como, por exemplo, de uma dor incalculável ou uma catástrofe, como Bauman bem alertou.

A mudança de mentalidade e mudança no modo de vida são intrínsecos, tratam-se de um fazendo e (re)fazendo o outro. A mudança de mentalidade pode ser um contributo importante, mas só isso não basta. Temos que mudar de atitude, o que de fato não está desconectado com a mentalidade. Pensar em fazer algo melhor é um passo, mas só pensar não adianta, temos que concretizar, fazer e mexer as peças do tabuleiro. Planejamento sem

---

<sup>3</sup> No livro “a consciência das palavras”. Disponível em: <<https://lelivros.pro/book/baixar-livro-a-consciencia-das-palavras-elias-canetti-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em: 8 fev. 2017.

execução é um mero fetiche. É preciso coerência, essa sim é uma virtude significativa para a transformação do mundo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Tradução: Renato Aguiar. – 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Bauman, sociólogo e filósofo polonês, morre aos 91 anos*. G1 (POP & ARTE). 09 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/sociologo-zygmunt-bauman-morre-aos-91-anos.ghtml>> Acesso em: 03 fev. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. “*É muito difícil encontrar uma pessoa feliz entre os ricos*”. Entrevista com Zygmunt Bauman. Revista IHU ON-LINE, 26 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/531655-e-muito-dificil-encontrar-uma-pessoa-feliz-entre-os-ricos-entrevista-com-zygmunt-bauman>> Acesso em: 06 jan. 2017.

DORLING, Danny. *Injustice why Social Inequality persists*. Disponível em: <<http://www.dannydorling.org/books/injustice2010/>> Acesso em: 07 jan. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp 2006.

SANTOS, David Moises Barreto dos. *Bauman: vida, obra e influências autorais*. Cardenos Zygmunt Bauman. Vol. 4, num. 8, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2893/1119>> Acesso em: 11 fev. 2017.

SEN, Amartya. *A ideia de justiça*. Tradução Denise Bottmann, Ricardo Doninelli Mendes, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.